

PROJETO DE EXTENSÃO “BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS”: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE ACADÊMICOS DA RC/UFG

Andressa Sandrine Silva de Jesus

Diego Rodrigues de Araújo

Francisco Carvalho Braga-

João Paulo Cunha Ribeiro

Júlio Rafael Santana Alves

Lana Ferreira de Lima

Leomar Cardoso Arruda

Paulo Maciel Cordeiro Martins

Tacila da Costa Marinho

Universidade Federal de Goiás (RC/UFG)

INTRODUÇÃO

No contexto atual a sociedade, em âmbito mundial, vive um momento cultural que se mostra contrário à segregação das minorias sociais historicamente excluídas do que decorre a crescente demanda, por parte das mesmas, por inclusão nas diversas instâncias sociais.

Pode-se dizer que no caso específico das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, estas têm sido alvo, ao longo da história da humanidade, de mecanismos e procedimentos de segregação social e de exclusão do acesso a serviços que lhes garantam condições dignas de vida (saúde, habitação, alimentação, trabalho, esporte, cultura e lazer, por exemplo), aspecto este que tem origens remotas, relacionadas ao contexto da organização econômica, social, política e cultural de cada sociedade, bem como ao conceito de homem e de educação que historicamente se transforma.

O desconhecimento sobre as deficiências foi um dos aspectos que mais fortemente contribuiu para que as pessoas com algum tipo de deficiência ou mobilidade reduzida, e assim por serem diferentes, fossem ignoradas e marginalizadas dos diferentes espaços sociais (MAZZOTTA, 2003).

Devido aos estereótipos e preconceitos com que as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida são tratadas, elas carregam consigo o estigma da incapacidade seja de ordem física, mental ou mesmo sensorial e por isso, ainda, têm sido condenadas a conviverem com muitas dificuldades.

Entretanto, é possível afirmar que nas três últimas décadas, como resultado da luta das próprias pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, vem ganhando espaço na sociedade a proposta de romper com os tradicionais paradigmas excludentes, assim como a adoção de procedimentos que contribuam para assegurar a esse grupo de pessoas as condições necessárias à sua participação como sujeitos sociais de direito (CARVALHO; ROCHA; SILVA, 2006).

A mudança no que diz respeito à forma como a pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida passa a ser vista e tratada na sociedade, sendo reconhecida como um cidadão com direitos e deveres, ocorre, principalmente, a partir da aprovação de diversos documentos internacionais, de forma mais específica a Declaração Mundial sobre Educação Para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais (1994), que reafirmam os direitos sociais de cada indivíduo.

Frente a este contexto, tem-se solicitado das Instituições de Ensino Superior (IES) a organização tanto no tocante à acessibilidade arquitetônica quanto curricular e pedagógica, com vistas a garantir a formação de profissionais críticos e cientes do papel que devem desempenhar em uma sociedade em constante e rápida transformação.

É nessa perspectiva que a Conferência Mundial sobre a Educação Superior, convocada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e realizada em Paris

no ano de 1998 com o objetivo de propor soluções para os desafios apresentados à sociedade em constante mudança e colocar em movimento um processo de reforma na Educação Superior mundial, já apontava, naquele momento, para a necessidade das IES formarem profissionais bem informados e profundamente motivados, capazes de pensar criticamente e de analisar os problemas da sociedade, de procurar soluções aos problemas da sociedade e de aceitar responsabilidades sociais, bem como incorporar ao longo da formação inicial das diferentes áreas do conhecimento o ensino de conteúdos relativos, por exemplo, aos direitos humanos, história da cultura afro-brasileira, meio ambiente e deficiência.

Deve-se destacar, porém, que especificamente na área da Educação Física as discussões relativas à necessidade de conteúdos ou disciplinas abordando temas relativos à deficiência e pessoas com deficiência, no processo de formação inicial dos profissionais da área, já eram desenvolvidas desde a década de setenta do século vinte, portanto, acompanhando as mudanças ocorridas tanto no contexto político como no social quando já se defendia a necessidade de melhor reformulação curricular para que a formação inicial do professor desta área abordasse tanto os aspectos biológicos dos movimentos e exercícios físicos como, também, os pedagógicos e psicológicos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004).

Já havia, neste momento, a clara preocupação e intenção de se proporcionar uma formação inicial ao profissional desta área que fosse além dos aspectos físicos e biológicos, portanto, visando o atendimento e a valorização de outros aspectos importantes na formação do aluno, possibilitando com isso que todas as pessoas tivessem as mesmas oportunidades de aprendizagem, concomitantemente, à formação de um novo campo de conhecimento científico e de pesquisas (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004).

É nessa perspectiva que, visando suprir uma necessidade educacional e social, o parecer n. 215/87 proporá um rol de disciplinas para compor o novo currículo para a área da Educação Física dentre as quais será sugerida uma disciplina direcionada para o conhecimento relativo às pessoas com deficiência física, portanto, a denominada “educação física e esporte especial (atividade física para pessoas portadoras de deficiências: física, mental, auditiva, visual ou múltipla)”. (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004, p.62).

Contudo, quando se relaciona a formação do profissional de Educação Física especificamente com o mercado de trabalho voltado ao desporto para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, o que se

pode observar é que um elemento que dificulta uma maior expansão do esporte para esse grupo de pessoas no Brasil diz respeito à falta de profissionais qualificados para atuar neste campo (RIBEIRO; ARAÚJO, 2004).

De acordo com Ribeiro e Araújo (2004) retomando o percurso histórico do esporte adaptado pode-se observar que essa prática vem evoluindo na medida em que, cada vez mais, é divulgada na sociedade e mais associações de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida vêm oferecendo aos seus associados à possibilidade da prática esportiva.

No contexto atual a presença de um profissional com formação e conhecimentos que o capacitem a desenvolver um trabalho de iniciação e preparação esportiva, por meio de uma prática segura e consciente, torna-se uma demanda cada vez maior. Entretanto, como salientam os autores Ribeiro e Araújo (2004, p.67) deve-se reconhecer que nem sempre há uma identificação dos futuros profissionais de Educação Física com essa área de atuação, por diversos motivos, como, por exemplo, [...] a dificuldade em se trabalhar com as diferenças, com o corpo não-perfeito, “incapaz” de atingir o rendimento que se está acostumado a atingir em situações de “normalidade”. Isso constitui, provavelmente, resquício de uma EF tecnicista, ou mesmo o fato de a formação de professor de EF ser realizada em cursos de graduação que, ainda, apresentam essa característica.

Além disso, atuar como treinador de jogos desportivos, em específico para iniciação esportiva, exige que este profissional possua não só conhecimentos básicos no e do esporte, mas também uma formação sólida que lhe permita planejar o ensino de uma determinada modalidade esportiva considerando as etapas evolutivas dos sujeitos com os quais trabalha bem como dominar, no âmbito pedagógico, saberes que o possibilitem ensinar tanto os movimentos específicos/fundamentos do esporte, movimentações táticas e, ainda, conforme De Rose Junior (2013), conhecimentos relativos ao desenvolvimento humano, psicologia do esporte, aprendizagem motora e pedagogia do esporte.

Contudo, quando pensamos no profissional que irá atuar como treinador de modalidades para desportivas, como, por exemplo, o basquetebol em cadeira de rodas, há a necessidade, para além destes, de outros conhecimentos que assegurem a este profissional o desenvolvimento de um trabalho de qualidade voltado para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, como, por exemplo, conhecer as características de cada deficiência e as implicações pedagógicas para o desenvolvimento das atividades motoras, bem como possuir

conhecimento amplo sobre o que é movimento para que possa valorizar cada passo obtido pelo aluno-atleta na execução das atividades propostas, aspecto este que é inerente ao ser humano independente deste apresentar ou não alguma deficiência (LOPES & VALDÉS, 2003).

Em face dos aspectos apresentados o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer e descrever os conhecimentos atitudinais (saber ser, incorporação de valores nas atitudes e ações do dia a dia), conceituais (conteúdos, conceitos, princípios e saberes aprendidos relativos ao BC, pessoas com deficiência, inclusão) e procedimentais (o saber fazer/executar, competências desenvolvidas/aprendidas) mobilizados por acadêmicos da RC/UFG e do CESUC, em situação de ensino, enquanto monitores do Projeto de Extensão “A Inclusão de Pessoas com Deficiência Física ao Basquetebol de Cadeira de Rodas no município de Catalão - GO e Região” desenvolvidos por professores e acadêmicos da referida instituição desde o ano de 2011.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracterizou como um estudo descritivo-explicativo, de caráter qualitativo e a população a ser investigada foram constituídos por quatorze acadêmicos da RC/UFG e uma discente do Curso de Fisioterapia do CESUC, todos participantes do Projeto de Extensão acima referido.

Para a coleta de dados utilizou-se duas técnicas: o grupo focal e o memorial descritivo. Em relação ao grupo focal este é uma técnica de coleta de dados na qual o investigador reúne o público alvo de suas investigações, num mesmo local e durante certo período de tempo, com a finalidade de “[...] coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico”. (Cruz Neto, Moreira & Sucena, 2002, p. 5).

Assim, as reuniões do grupo focal foram realizadas no período de novembro de 2012 a março de 2014, ocorrendo quinzenalmente e durante as mesmas realizavam-se debates sobre livros, artigos e filmes relativos a deficiência, esporte para pessoas com deficiência, história do esporte adaptado e do basquetebol em cadeira de rodas, planejamentos e relatórios de aulas.

Nestes encontros os acadêmicos-monitores eram estimulados, pela coordenadora do Projeto de Extensão, por meio de perguntas geradoras, a relatar a percepção sobre aspectos como: dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades do Projeto, o trato com as pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, os conhecimentos que avaliavam ser neces-

sários para ajudá-los a desenvolver e ministrar as aulas, concepção de deficiência, inclusão e acessibilidade.

Outro momento do processo de coleta de dados constou da elaboração de um relato memorial que é um instrumento desenvolvido sob a forma de texto narrativo que possibilita, a quem o elabora e àquele que o lê, desenvolver reflexões sociais, educativas e culturais no qual um sujeito pensante reelabora e restitua sua vida em relação à sociedade e outros sujeitos.

Portanto, o relato memorial tem como característica o fato de se referir às formas de pensar dos indivíduos em face de situações que vivenciaram devendo, portanto, seu conteúdo

[...] a) retratar a realidade vivenciada em determinado tempo e espaço pelo indivíduo; b) incluir opiniões pessoais sobre momentos vividos em determinado contexto e situação; c) permitir o emergir das emoções, dos sentimentos, das facilidades e dificuldades que a pessoa que o elabora apresentou frente às situações vivenciadas. (NEGRINE, 2010, p.91).

Já para a análise de dados a técnica utilizada foi a análise de conteúdo que segundo Bardin (1979, p. 42 apud Minayo, 2004, p. 199) refere-se a uma técnica de análise de comunicação com a finalidade de obter por meio de procedimentos sistemáticos (quantitativos ou não) “indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. Esse método de análise pressupõe, conforme Gomes (2002), as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

RESULTADOS

Dentre quatorze monitores que colaboram com o Projeto de Extensão cinco participam do mesmo desde o ano de 2012 e os demais desde o início do ano de 2013.

Para a coleta de dados foram considerados os depoimentos dos monitores durante as reuniões do grupo de estudo, base para a realização do grupo focal, bem como o relato DO memorial elaborado por nove monitores (cinco alunos do sexto período, um aluno do terceiro período e um aluno do primeiro período do Curso de Educação Física da RC/UFG; uma acadêmica do Curso de Psicologia da RC/UFG; uma acadêmica do Curso de Fisioterapia do CESUC) que se disponibilizaram a fazer registros de suas vivências no Projeto, os quais receberam códigos com vistas a preservar suas identidades, quais sejam: Monitor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

Assim, a seguir, destacamos trechos retirados de alguns dos memoriais que retratam, de modo geral, como os monitores percebiam o trabalho com o basquetebol em cadeira de rodas e os conteúdos relativos às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

“Busquei participar das aulas do projeto de extensão, pois me interessei pela área que está em grande ascensão, apesar das dificuldades enfrentadas, vista do ponto social e pelos que fazem parte deste projeto por vários motivos tais como falta de: interesse dos alunos, investimento nulo, falta de cursos na área” (Monitor 1).

“Sentimos falta de disciplinas que nos dêem um feedback para o início do trabalho como treinadores, e assim temos que sair da faculdade buscando estágios para que possamos complementar a nossa formação com base em estágios com profissionais da área do basquetebol.[...] Sentimos, também, a falta de cursos específicos como para treinador de BC, onde os profissionais que atuam nessa área têm, muitas vezes, a sua formação baseada em uma vivência como ex atleta ou faz o curso de treinador para o basquetebol andante o que deixa a desejar, pois mesmo que as regras sejam as mesmas o BC ainda tem particularidades que necessitam ser trabalhadas e estudadas pelos técnicos e treinadores que trabalham, principalmente, no esporte amador e na iniciação do BC.”(Monitor 2).

“Quis ser voluntária assim que conheci a história do projeto. Não possuo bolsa, não ganho horas e nem remuneração. Participo pelo aprendizado e pela experiência para a vida e para o trabalho em Fisioterapia. Aprecio muito a maneira como trabalham a inclusão e a interatividade de forma saudável, amigável e criativa. [...] É necessário conhecer o estado de saúde dos participantes, entender que existem princípios pelos quais se deve trabalhar, como a individualidade, a qual consiste em desenvolver as atividades de acordo com as características físicas do participante, o que inclui conhecimento do limite de cada um e testar até onde podem exigir. Conhecimentos em fisiologia humana, fisiologia do exercício, anatomia, treinamento e especialidade em basquete para cadeirantes. Encontrei algumas dificuldades como aprender a respeitar os limites dos outros, até onde poder exigir e esperar. Diferenciar os limites reais físicos e os limites criados pelos cadeirantes por receio ao novo.” (Monitor 9).

“Enquanto acadêmica de psicologia fazer parte do projeto é de grande importância para mim, é de grande valor estudar conteúdos que abrangem a área da deficiência e inclusão social, esta em contato direto com o grupo de alunos me faz acreditar nas possibilidades que minha futura profissão oferece, principalmente no âmbito da perspectiva da atenção psicológica.” (Monitor 8).

Em relação aos conhecimentos assimilados no decorrer da vivência no Projeto percebe-se, por meio do depoimento a seguir, a percepção da necessidade do fortalecimento da relação teoria-prática, da pesquisa e estudo constantes na área para a qual se busca qualificar visando ainda a elaboração de estratégias de ensino do jogo coletivo.

“Os iniciantes professores do projeto de basquetebol para cadeirantes de rodas utilizam também embasamentos teóricos como referências de ensino e discussões feitas dentro de reuniões semanais com intuito de adquirir embasamento teórico para sa-

beres táticos, regras para assim colocar em prática nas aulas. O embasamento teórico contribui sim na formação dos professores, porém é na prática que os professores conseguem assimilar mais conhecimento sobre o esporte sendo regras e táticas em geral, também é na prática que o professor aprende a se comportar como tal desenvolvendo assim sua linguagem e liderança de comando nas aulas de Educação Física.” (Monitor 3).

“A ação proposta pelo projeto, de desenvolver o esporte como meio de lazer e de inclusão social, origina a necessidade de se estudar metodologias de ensino e aprendizagem voltada para a área como um meio facilitador de ensino e aprendizagem. [...] Considero como de grande valor estudar sobre deficiência e inclusão e o desenvolvimento de produções teóricas, que ampliam as pesquisas sobre a área, possibilitando um campo mais vasto de conhecimento no âmbito do esporte adaptado, desenvolvendo amplamente o ensino e a aprendizagem. Como monitora, através da vivência com os alunos, aprende com suas falas, que são muitas vezes carregadas de sentimentos tão íntimos compostos de medos, anseios, angústias e histórias que relatam suas próprias existências, que cada pessoa tem uma forma de estar no mundo, são sorrisos espontâneos que demonstram força e coragem através de brincadeiras e olhares que dizem tanto sobre cada um deles o que reflete de modo direto a constituição do coletivo dentro do projeto.” (Monitor 8).

No que diz respeito aos conhecimentos mobilizados para a implementação das aulas de basquetebol em cadeira de rodas pelos depoimentos é possível identificar: o ensino dos fundamentos fora e no contexto do jogo, táticas e posicionamento de defesa e ataque, planejamento visando a organização seqüencial do conteúdo a ser ministrado, assim como aspectos relativos a deficiência, diferença, limites e possibilidades do aluno com deficiência, história do esporte adaptado em específico do basquetebol em cadeira de rodas.

Mesmo que de forma breve é possível considerar, a partir dos depoimentos dos sujeitos pesquisados, que estes percebem a necessidade de buscar o domínio de determinados conhecimentos e atitudes com a finalidade de oferecer um ambiente de aprendizagem (escolar ou de treinamento) motivaste e apropriado, assim como o emprego de abordagens/estratégias e modelos eficientes de ensino que não só facilitem a aprendizagem do aluno (com ou sem deficiência), como também aperfeiçoem o ganho obtido com habilidades motoras e atividades esportivas.

CONCLUSÃO

Considerando que a Universidade é uma das instituições que, direta ou indiretamente, tem responsabilidades, maiores ou menores, no que tange ao atendimento das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, entende-se que a mesma tem como função, a priori, formar profissionais competentes para atuar no

campo da educação, da saúde, da cultura, do esporte e do lazer, e, concomitantemente, incentivar estudos e pesquisas sobre as diversas temáticas que se relacionam a esse grupo de pessoas.

Ante o exposto avalia-se que possibilitar aos acadêmicos em formação inicial a vivência em diferentes atividades formativas (estágios, projetos de pesquisa e de extensão, eventos científicos) proporciona aos mesmos se prepararem para trabalhar com as pessoas com deficiência bem como ampliar a concepção sobre termos como, por exemplo: deficiência, inclusão e acessibilidade.

Além disso, considerando-se a história da área da Educação Física voltada para o disciplinamento, normalização e higienização de corpos, a proposição de atividades de extensão que possibilitem aos acadêmicos desta área vivenciar momentos, durante o seu percurso acadêmico, em que atuarão como professores de pessoas com deficiência se mostra como um caminho para que esta área do conhecimento supere atitudes discriminatórias e segregacionistas que “[...] podem levar à seleção dos mais habilitados, dos mais ágeis, dos fisicamente adequados, portanto, produzindo um efeito totalmente contrário ao esperado: a seleção e a exclusão [...]” (Souza, 2006, p. 82-83).

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. R. de; ROCHA, J. V. da; SILVA, V. L. R. R. da. (Org.) Pessoa com deficiência na história: modelos de tratamento e compreensão. In: *Programa Institucional de Ações Relativas às pessoas com deficiência*. Pessoa com deficiência: aspectos teóricos e práticos. Cascavel/PR: Gráfica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). p.20-33. 2006.
- CRUZ NETO, O; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: *Encontro da associação brasileira de estudos populacionais*, 13., 2002, Ouro Preto/MG. Anais... Ouro Preto/MG, ABEP. p. 1-26. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf>. Acesso em: 05 mar.2013.
- DE ROSE JUNIOR, D. *O treinador de basquetebol: pedagogo e psicólogo*. Disponível em: <<http://vivaobasquetebol.wordpress.com/category/formacao-esportiva/>>. Acesso em: 07 Ago.2013.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed., São Paulo: Atlas. 2008.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed., Petrópolis: Vozes. 2002.
- LOPES, A. W. de A.; VALDÉS, M. T. M. Formação de professores de educação física que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais (deficiência auditiva): uma experiência no Ensino Fundamental da rede pública de Fortaleza. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.9, n.2, p.195-210, jul./dez. 2003.
- MAZZOTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. 4 ed. São Paulo: Cortez. 208p. 2003.
- MINAYO, M. C. de S. Fase de análise ou tratamento do material. In: MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8 ed., São Paulo: Hucitec. p. 197-247. 2004.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informação na pesquisa qualitativa. In: MOLINA, N. V.; TRIVINÓS, A. N. S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina. 61-99p. 2010.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA; Conselho Nacional de Secretários de Educação. *Educação para Todos: o compromisso de Dakar*. Brasília: UNESCO, CONSED. 70p. 2001.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Conferência Mundial sobre Ensino Superior: tendências da Educação Superior para o século XXI*, 1., 1998, Paris, França. Anais...Brasília: UNESCO/CRUB. 726p. 1998.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educacionais especiais*. Brasília: UNESCO, CORDE. 54p. 1994.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien. 8p. 1990.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.
Declaração dos direitos das pessoas deficientes. New York. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/se-esp/arquivos/pdf/dec_def.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2007. 1975.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.
Declaração Universal dos Direitos Humanos. New York. Disponível em: Disponível em: <http://www.onubrasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em: 02 ago. 2007. 1948.

RIBEIRO, S. M.; Araújo, P. F. de. *A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 57-69. 2004.

SOUZA J. P. de. A Educação Física no contexto inclusivo: análise do curso de capacitação de professores multiplicadores em Educação Física Adaptada. 2006. 244f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS. 2006.

NOTA SOBRE OS AUTORES

Andressa Sandrine Silva de Jesus / Diego Rodrigues de Araújo / Francisco Carvalho Braga / João Paulo Cunha Ribeiro / Júlio Rafael Santana Alves / Paulo Maciel Cordeiro Martins - acadêmicos do Curso de Educação Física da RC/UFG e membros do LAFAGE.

Tacila da Costa Marinho - acadêmica do Curso de Psicologia da RC/UFG e membro do LAFAGE.

Lana Ferreira de Lima- docente do Curso de Educação Física da RC/UFG, coordenadora do LAFAGE e membro do Núcleo de Acessibilidade da UFG. **E-mail** de contato: lana-fl2002@gmail.com

Leomar Cardoso Arruda - docente do Curso de Educação Física da RC/UFG e professor colaborador do LAFAGE.

Para entrar em contato com a equipe do LAFAGE:

E-mail: pbcr2012@hotmail.com

Página do Facebook: <https://www.facebook.com/lafage.ufg>